



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Geração Annie Hall

Woody Allen está na livraria. Na tevê a cabo enquanto quase adormeço. No cinema. Está, basta um pouco de atenção, no modo prosaico com que narramos nossas consultas médicas, a dosagem dos nossos remédios, ou de como ainda rimos de nossas pequenas tragédias familiares. Woody Allen é um daqueles pedaços da cultura que compartilhamos, que carregamos conosco para ser repetido, como uma canção dos Beatles, um verso de Drummond. E esse compartilhamento açoda a construção dos pilares que nos afastam da barbárie.

Mas Woody Allen aqui é só um subterfúgio. E esse nós em que incluo a mim e a você, uma farsa. Afinal, quem somos nós que gostamos de Woody Allen, Beatles e Drummond? Há algo perceptível que nos diferencia?

O que se quer pensar aqui é como constituímos a cultura. Que na falta de termo melhor chamarei de “massa”. Como um conjunto de escolhas de um grupo de pessoas marca uma época, ou, ao menos, uma geração.

Talvez a primeira etapa seja pensar sobre o que falamos quando usamos esse termo: geração. Afinal, a tendência natural é perceber o entorno a partir dos nossos parâmetros. Antiquados se parecem aqueles que nos precedem, incompreensíveis os que nos sucedem. É desse lugar, de fora, que ouço os ecos que definem a chamada Geração Y, os jovens entre 25 e 30 anos que chegam atualmente ao mercado de trabalho com característi-

cas muito próprias – habituados à tecnologia, multitarefas, com certa dificuldade em lidar com a hierarquia. Uma conformação que reflete mudanças do próprio tempo. Ou será o contrário?

Além do recorte etário, ou de um reflexo profissional, haverá, de certo, condições histórico-sociais que dispararam esses hábitos. No caso dos jovens Y, o que se diz é que, ao contrário de gerações anteriores, estes têm baixa fidelidade a seus empregadores e, sem grandes dilemas, os trocam por seus concorrentes. O que denota tal comportamento? Uma ambição desmedida? Falta de parâmetros éticos, ou, quem sabe, surpreendente maturidade em lidar com a instância sem rosto chamada mercado, e uma de suas regras principais – a busca por melhores oportunidades?

Serão essas características realmente incompreensíveis a gerações anteriores, ao menos teoricamente, ou as tensões entre esses grupos acontecem simplesmente nas práticas, nas escolhas postas em movimento? E, se assim for, simplesmente referendamos que o que nos diferencia como grupo não é o que professamos – nossos discursos –, mas sim o modo como agimos.

Nas relações sociais que ganham corpo nesse século, esse conjunto de práticas irá se chocar e se misturar ao bloco marmóreo consolidado pelas gerações anteriores, ao longo de décadas longas, lentas. Um choque entre modos de fazer que se amalgam numa mistura heterogênea, com pontos de contato cada vez mais tênues, quase imperceptíveis, configurada num cardápio

Afinal, quem somos nós que gostamos de Woody Allen, Beatles e Drummond? Há algo perceptível que nos diferencia? O que se quer pensar aqui é como constituímos a cultura

cultural – objetos artísticos, marcas, produtores de conteúdo. Os antigos blocos estanques já se dissolveram então em diversos subgrupos, com hábitos e escolhas muito peculiares. Vistos com a distância temporal devida, são capazes de sinalizar tendências, hábitos. De perto, porém, encontrar pontos de interseção é tarefa cada vez mais complexa. Estes, quando existem, são em muita medida frutos do estado de boçalidade que compõe o corpo principal do que se chama de conteúdo audiovisual de massa. Fórmulas que se repetem à exaustão, alimentadas pela demanda quase infinita que visa preencher o Cavalo de Tróia que o avanço tecnológico nos legou – estações, bandas de transmissão, canais, arquivos digitalizados, sedentos para serem ocupados por algum tipo de informação. Qualquer informação.

É nesse contexto que Woody Allen, ícone de boa parte das gerações nascidas no pós-guerra, prossegue. Dotado de uma universalidade ímpar, Allen reafirma uma intrínseca, e, nos dias atuais, rara ética do trabalho – aos 75 anos, recém-completados, vem produzindo ao menos um filme por ano desde o início dos anos 1980. Um trabalho de característica artesanal, ancorado em roteiros, atuações. Nada menos contemporâneo, em tempos de alta tecnologia.

Ao mesmo tempo, como criador, questiona a partir da corrosiva e aparentemente despreziosa força de suas gags a pequena vida íntima. Famílias, casais, amigos. E, por con-

sequência, nosso próprio tempo e seus signos. Uma narrativa imune a pesquisas que norteiam as escolhas atuais – dos índices de audiência aos grupos de discussão – pela impossibilidade de sua apreensão objetiva. O que Allen nos expõe são as coisas que não dizemos, mas pensamos, ou que não fabulamos racionalmente, mas que movimentam-se em nós a partir de atos falhos. Não é à toa que a psicanálise seja tema e personagem de seus filmes e livros.

Esse tipo de artista, versão contemporânea do criador renascentista, capaz de perceber os traços principais de uma época, está no enclave em que se fundem gerações, práticas e o fastio causado pelo excesso, pelo esvaziamento do que se produz sem nenhum propósito além da ocupação pura e simples dos meios de comunicação.

Nestes dias em que ainda me deparo com suas aparições repentinas no cabo noturno, tudo parece seguir um sonho acelerado, alimentado pela velha fantasia do sucesso escrito como uma linha reta. Enquanto isso, as gerações, que aprendemos com a história, inscrevem-se no tempo, inventando e copiando, ousando o que desconhecem e recuperando o já vivido, travam o embate que dá feições aos nossos dias, com imagens que aprendemos a compartilhar. Vivo nos cinemas e livrarias, mais do que um rótulo com as iniciais do grupo geracional a que pertenço, espero que Allen siga sendo um convite para um debate mais maduro para o tempo que construímos a cada dia. 